



**Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD**

**VIVIANE PINHEIRO NOGUEIRA ARAGÃO**

**A INFLUÊNCIA DA VÍRGULA NO SENTIDO DO TEXTO:  
CUIDADOS DO REVISOR QUANTO À PONTUAÇÃO**

**Brasília, setembro de 2013**

**VIVIANE PINHEIRO NOGUEIRA ARAGÃO**

**A INFLUÊNCIA DA VÍRGULA NO SENTIDO DO TEXTO:  
CUIDADOS DO REVISOR QUANTO À PONTUAÇÃO**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto: Gramática, Linguagem Construção/Reconstrução de Significado.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Denise de Aragão Costa Martins

Brasília  
2013

**VIVIANE PINHEIRO NOGUEIRA ARAGÃO**

**A INFLUÊNCIA DA VÍRGULA NO SENTIDO DO TEXTO:  
CUIDADOS DO REVISOR QUANTO À PONTUAÇÃO**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto: Gramática, Linguagem Construção/Reconstrução de Significado.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Denise de Aragão Costa Martins

Brasília, 27 de setembro de 2013.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

---

Prof. Dr. Marcus Vinicius Lunguinho

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, que me sustenta e me abençoa todos os dias da minha vida.

À professora Denise Aragão, pois, sem as suas orientações, não seria possível a concretização deste trabalho.

Ao meu esposo Cristiano, por seus incentivos, ajuda e companheirismo que me foram dedicados durante todo o curso.

– A vírgula, ora, direis, a vírgula...

Mas é justamente essa miúda coisa, esse risquinho, que maior informação nos dá sobre as qualidades do ensino da língua escrita. Sobre o ensino do cerne mesmo da língua: a frase, sua estrutura, composição e decomposição.

Da virgulação é que se pode depreender a consciência, o grau de consciência que tem, quem escreve, do pensamento e de sua expressão, do ir-e-vir do raciocínio, das hesitações, das interpenetrações de ideias, das sequências e interdependências, e, linguisticamente, da frase e sua constituição. (LUFT, 1997, p.16-17).

## RESUMO

A proposta deste trabalho é discutir o uso da vírgula com base na norma culta da língua portuguesa, considerando alterações, no sentido de diferentes enunciados, decorrentes do emprego ou da falta da vírgula, e da interferência do emprego desta na atividade do revisor. Para tanto, foi apontado o que alguns gramáticos e outros autores prescrevem sobre esse sinal de pontuação e o que a literatura especializada menciona quanto ao papel do revisor. Para demonstrar alterações de sentido devido à virgulação do texto, com o método descritivo, foram examinados quatro textos diferentes, dentre eles quadrinhos retirados da *internet*, observando-se a influência desse sinal de pontuação no sentido que o autor de cada escrito quis transmitir. Quanto aos cuidados do revisor de texto no emprego da vírgula, foi relatada a necessidade de se conhecer antecipadamente a intenção do escritor do texto revisado, para que, assim, a vírgula seja colocada ou suprimida de forma a manter o intuito original do autor.

**Palavras- chave:** Vírgula. Sentido. Revisão de texto. Revisor.

## **ABSTRACT**

The purpose of this paper is to discuss the use of the comma based on cultural norms of the Portuguese language, considering changes in the sense of different statements, resulting from the use or lack of the comma, and the interference of the use of commas in the activity of the proofreader. Therefore, it was pointed what some grammarians and other authors prescribe on this punctuation mark and the literature mentions the role of the proofreader. To demonstrate the meaning changes due to the use of the comma in texts with descriptive method were examined four different texts, including comics taken from internet, observing the influence of this punctuation mark in the sense that the author wanted to convey each writing. As to the care of the proofreader in the use of commas, was reported to need to know in advance the intention of the writer of the revised text, so that the comma is inserted or deleted in order to keep the original intent of the author.

**Key words:** Comma. Meaning. Proofreading. Proofreader.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>1 PONTUAÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2 A VÍRGULA</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Regras quanto à utilização da vírgula</b>	<b>16</b>
<b>3 MUDANÇAS NO SENTIDO MEDIANTE ALTERAÇÃO OU OMISSÃO DA VÍRGULA</b>	<b>26</b>
<b>4 ANÁLISE DE DADOS</b>	<b>29</b>
<b>5 REVISÃO DE TEXTOS</b>	<b>43</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o sinal de pontuação denominado “vírgula”, fazendo um levantamento gramatical (regras de emprego) e analisando o uso e as influências semânticas da vírgula em textos. Juntamente ao uso da vírgula, é discutida a responsabilidade do revisor quanto à virgulação, para que o objetivo semântico e gramatical do autor seja alcançado.

Assim, surge o tema “A influência da vírgula no sentido do texto: cuidados do revisor quanto à pontuação”, cujos objetivos são de demonstrar as peculiaridades do uso deste sinal, e de apontar o cuidado que o revisor deve ter com a pontuação, em especial com o uso da vírgula, para que se possa preservar a intenção original do autor no momento da revisão do texto.

De acordo com o senso comum, os falantes da língua portuguesa, normalmente, empregam as vírgulas baseando-se na respiração e na intuição. Diante disso, surgem as perguntas:

1. A colocação de vírgula requer conhecimento de gramática, para que ocorra de maneira a veicular nos textos o sentido pretendido?
2. Um mesmo texto pode ser pontuado de diversas maneiras e mesmo assim transmitir um só sentido, ou a diversidade implica mudança de sentido?
3. Quais devem ser os cuidados do revisor quanto à virgulação do texto?

A metodologia utilizada nesta monografia é descritiva e com fontes primárias e secundárias. Aponta-se o que alguns gramáticos e outros autores prescrevem sobre a vírgula e o que a atual literatura menciona quanto ao papel do revisor. Diante disso, para demonstrar alterações de sentido devido à virgulação do

texto, foram examinados os próprios exemplos dos autores citados no referencial teórico e enunciados retirados da internet.

Com base no referencial teórico levantado, foi também analisado o uso ou a falta da vírgula em quatro textos diferentes, observando-se a influência deste sinal de pontuação no sentido que o autor de cada escrito quis transmitir.

É importante ressaltar que a escolha do *corpus* de pesquisa foi baseada na quantidade, na importância e no correto emprego das vírgulas nos enunciados. Assim, a análise de dados foi feita dos textos:

- “A casa das ilusões perdidas”, uma crônica escrita por Moacyr Scliar, na *Folha de S. Paulo*, em 14/06/1999. Cabe acrescentar que esse texto foi retirado do caderno de textos repassado pela professora F. Cordélia Oliveira da Silva, na disciplina *Texto e construção de sentido e significado*, ministrada na pós-graduação em Revisão de Textos, do UniCEUB.
- de três *quadrinhos*, que, de acordo com o *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, consistem em desenhos para fins caricaturais ou humorísticos de amplo espectro de percepção e aceitação. Estes quadrinhos foram encontrados em imagens do Google (*site* de busca), cujas fontes são: [www.desmontandotexto.blogspot.com.br](http://www.desmontandotexto.blogspot.com.br); [www.blogdivertudo.blogspot.com.br](http://www.blogdivertudo.blogspot.com.br); [www.bocaiuvaonline.com.br](http://www.bocaiuvaonline.com.br).

A análise em cada texto foi feita em dois passos: no primeiro passo, foram apontadas as regras gramaticais de emprego de pontuação, seguidas das influências do uso da vírgula nos escritos; já no segundo passo, foram apontados possíveis prejuízos quanto à compreensão das frases sem as vírgulas.

Em resumo, houve a análise do emprego da vírgula, primeiramente nos textos originais e depois nos modificados com a supressão das vírgulas. Ressaltando-se, mais uma vez, o cuidado que o revisor de textos deve ter quanto à virgulação, para que não haja prejuízos relativos à intenção semântica e gramatical do autor do texto revisado.

O trabalho está dividido em cinco capítulos, assim distribuídos:

1 Pontuação: nesse capítulo, descrevem-se quais são os sinais de pontuação e para que eles servem.

2 A Vírgula: de acordo com gramáticas e demais escritos sobre o assunto, esse capítulo trata do significado da vírgula, de como ela funciona e quando se deve ou não usá-la. Propomos ainda, nessa seção, um quadro de sistematização.

3 Mudanças no sentido mediante alteração ou omissão da vírgula: esse capítulo contém exemplos de alterações no sentido de diferentes enunciados, apenas pela utilização ou não da vírgula.

4 Análise de dados: em textos cujos empregos da vírgula foram feitos da forma correta, são analisadas as regras que motivaram a virgulação e discute-se como ficaria o sentido dos textos sem as vírgulas originais.

5 Revisão de texto: nessa parte do trabalho, é ressaltado o papel do revisor e de que forma a decisão de manter ou suprimir a vírgula é relevante em seu trabalho.

Por fim, a Conclusão traz os resultados observados ao longo de todo o trabalho, além, é claro, das respostas às perguntas contidas nesta Introdução.

## 1 PONTUAÇÃO

Nesta seção, são apresentados sucintamente alguns conteúdos relativos ao emprego da pontuação, conjunto de sinais usados na representação escrita da linguagem. Para isso, recorreremos a um dicionário especializado, a uma gramática descritiva, a uma gramática pedagógica, a uma norma oficial sob forma de Portaria e a um manual.

De acordo com o *Dicionário de linguagem e linguística*, de Trask (2004, p. 232), a *pontuação* é “um sistema convencional de marcas que representam informações sobre a estrutura de um texto escrito”. Conforme o autor, a primeira pontuação conhecida foi introduzida pelos gregos no período clássico:

Os oradores gregos que estavam preparando discursos para serem pronunciados posteriormente viram interesse em acrescentar marcas a seus textos para lembrá-los dos pontos onde deveriam fazer pausas breves ou pausas mais significativas, onde deveriam elevar a voz, e assim por diante. Essas marcas, acrescentadas para fins meramente retóricos, foram a primeira pontuação. (TRASK, 2004, p. 232.)

Assim, a primeira pontuação foi criada apenas para auxiliar nas entonações, quando da leitura de discursos em voz alta, não havendo ligação entre os sinais e a estrutura do texto.

Séculos depois, no período carolíngio, os romanos e os medievais “incrementaram gradualmente o conjunto de sinais de pontuação, e esses sinais começaram a ser usados para indicar aspectos estruturais dos textos, e não pausas para respirar.” (TRASK, 2004, p.232).

De acordo com Cunha e Cintra (2008, p. 657), em sua gramática descritiva, a *Nova gramática do português contemporâneo*, a língua escrita não dispõe de muitos recursos rítmicos e melódicos, tal qual a língua falada. Sendo

assim, para suprir essa carência e reconstituir aproximadamente o movimento da elocução oral, a língua escrita serve-se da “pontuação”.

Segundo Cegalla (2005, p. 428), em *Novíssima gramática da língua portuguesa*, obra de propósito pedagógico, os sinais de pontuação têm uma finalidade tríplice. A saber:

- a) assinalar pausas e inflexões da voz na leitura;
- b) separar palavras, expressões e orações que precisam ser destacadas;
- c) esclarecer o sentido da frase, retirando a ambiguidade.

Na Nomenclatura Gramatical Brasileira (Portaria N.º 36, de 28 de janeiro de 1959), texto encontrado com facilidade no início de dicionários impressos, em livros didáticos e na própria internet, a pontuação é o quarto item do Apêndice e abrange os seguintes sinais:

- aspas “”
- asterisco \*
- colchetes [ ]
- dois-pontos :
- parágrafo §
- parênteses ( )
- ponto-de-exclamação !
- ponto-de-interrogação ?
- ponto-e-vírgula ;
- ponto-final .
- reticências ...
- travessão –
- vírgula ,

Para Faraco e Tezza (2005, p. 208), no manual *Prática de texto*, a pontuação é uma convenção resumida, que não se destina apenas a imitar a fala, podendo, até mesmo, contrariar a entonação da voz, considerando que os sinais de pontuação se destinam a “ordenar a escrita de acordo com um código padrão específico do texto escrito.”

## 2 A VÍRGULA

Como se afirmou, entre os sinais de pontuação, a vírgula é o objeto desta monografia. Apresentam-se, a seguir, alguns trechos extraídos das obras de distintas naturezas, de conceituados autores, a propósito do sinal.

No *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua portuguesa*, a “vírgula” é conceituada como um sinal gráfico de pontuação que indica pausa ligeira, usado para separar frases encadeadas entre si ou elementos de uma frase.

Semelhantemente, em Cunha e Cintra (2008, p. 658), “a vírgula marca uma pausa de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas também orações de um só período.”

Segundo Kury (1999, p. 65), a vírgula assinala pausa ligeira, com o tom de voz geralmente em suspenso ou mesmo nitidamente ascendente. Por sua vez, Napoleão Mendes de Almeida (1991, p. 571) afirma seguramente que: "onde não há pausa não há vírgula".

Em contraste, Celso Pedro Luft rebate a ideia do elo entre pausa e vírgula em todo o seu livro, ressaltando que problemas com a questão da pausa na fala podem ser expressos na escrita, além do que essas chamadas “vírgulas de ouvido” não funcionam, porque seriam empregadas vírgulas que separam termos ligados sintaticamente:

Quantas vezes fazemos pausa entre sujeito e verbo, entre verbo e complemento. E no entanto é elementar que nessas estruturas não cabe vírgula. Por quê? Porque a nossa virgulação é de base sintática, e não separa o que é sintaticamente ligado. Intuição estrutural. Senso das estruturas sintáticas. E não ouvido, a não ser que emprestemos outra significação a essa palavra. Virgular de orelha é virgular como um estudante insipiente. (LUFT, 1997, p. 8).

Luft (1997, p. 10) também afirma que a vírgula, em muitos casos, exerce importante função distintiva quando da transposição gráfica de pausas e tons da fala, sendo *pausa* e *tom* elementos importantes para desfazer ambiguidades. Assim, ele sintetiza a questão da pausa e da vírgula da seguinte maneira: “Há pausas que não são vírgulas, e há vírgulas que não são pausas. Mais importante que a pausa é a mudança de tom. A vírgula corresponde muito mais a mudança de tom do que a pausa.” (LUFT, 1997, p. 75)

A seguir, conforme mostra Luft (1997, p. 50-51), apresenta-se um exemplo de que nem sempre onde há pausa na fala há vírgula na escrita:

"(o remédio) vem ao encontro das finalidades desejadas e constitui medicação de escolha, *pois*, reúne os efeitos terapêuticos de 4 agentes específicos que..."

Trata-se de um trecho de uma bula de medicamento. A vírgula após o "pois" demonstra que, ao escrever essa bula, o autor quis enfatizar equivocadamente o termo na escrita, assim como enfatizamos o "pois" na fala. O “pois”, neste caso, é uma conjunção explicativa causal, cabendo vírgula apenas antes do vocábulo, jamais depois dele. Assim, diante do exemplo, Luft (1997, p. 51) afirma o seguinte:

Vírgula antes, mas não depois. Não vale consultar o ouvido: ouvido não entende de pontuação. Sobretudo em falante que respira mal e faz pausa a torto e a direito. Muita pausa se faz por pura ênfase. E a nossa virgulação é de base sintática (estrutura da frase), e não estilística (ênfase, ritmo, etc.).

Em concordância com Luft, a autora do livro *O uso da Vírgula*, Thaís Nicoleti de Camargo, introduz sua obra com a alegação de que a ideia de a vírgula indicar pausa para respirar na leitura, embora guarde um valor intuitivo, não resolve o problema da pontuação, porque, para utilizar bem a vírgula, deve-se compreender

a sintaxe da língua, ou seja, “a organização dos elementos no interior dos períodos.” (CAMARGO, 2005, p.1).

Para Maria Tereza de Queiroz Piacentini (2009, p. 11), a vírgula é, entre os sinais de pontuação, o mais complicado, devido à sua subjetividade. “Cada pessoa a usa de modo diferente: uns mais, outros menos. Vírgulas de mais atravancam o texto, vírgulas de menos podem levar a uma leitura incorreta”. Conforme a autora, o principal é que a pontuação deve esclarecer, e não atrapalhar o texto. Daí decorre a importância de se conhecerem as regras que orientam o uso da vírgula.

## **2.1 Regras quanto à utilização da vírgula**

De acordo com Adriano da Gama Kury (1999, p. 71), tão importante quanto a presença é a omissão obrigatória da vírgula. Para tanto, ele apresenta situações em que não se deve utilizar esse sinal de pontuação:

Não se separa por vírgula o verbo do seu sujeito, longo e complexo que seja, em ordem direta ou inversa: A casa em que eu estava hospedado era do escrivão Meneses.

Não se separa por vírgula o verbo dos seus objetos, direto e indireto, ou de um predicativo, nem o nome do seu complemento, seja direta ou inversa a ordem da frase: Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher.

Thaís Nicoletti de Camargo (2005, p. 2 - 3) cita que a vírgula não deve ser empregada entre termos ligados sintaticamente (sujeito e predicado, verbo e seus complementos), assim como não deve ser utilizada entre termos que complementam ou restringem outras palavras.

Segue-se Quadro explicativo da restrição de emprego da vírgula, feito com base nos exemplos dados nas páginas 2, 3 e 4 do livro *O uso da Vírgula*, de Thaís Nicoleti.

### QUADRO EXPLICATIVO DA RESTRIÇÃO DE EMPREGO DA VÍRGULA

NÃO USAR VÍRGULA ENTRE	EXEMPLOS / ANÁLISES	
<b>Sujeito e predicado</b>	A reação conciliatória repercutiu mal no Congresso.	<b>Sujeito:</b> A reação conciliatória <b>Predicado:</b> repercutiu mal no Congresso
<b>Verbo e seus complementos</b>	Ele experimentou uma sensação estranha.	<b>Verbo:</b> experimentou <b>Complemento:</b> uma sensação estranha
<b>A palavra e o termo que a complementa</b>	O presidente não obteve o apoio de todos os partidos.	<b>Substantivo:</b> o apoio <b>Complemento do substantivo:</b> de todos os partidos.
<b>A palavra e o termo que a restringe</b>	Os alunos novos serão recebidos pelo diretor.	<b>Nome:</b> alunos <b>Termo restritivo:</b> novos

Fonte: elaborado pela autora do trabalho.

Segundo Piacentini (2009, p. 13), além de não se empregar vírgula entre sujeito e verbo, nem entre verbo e complementos, também não se usa vírgula entre elementos que estejam em ordem natural, ou seja, sem intercalações ou deslocamentos. Essa ordem natural ou sequência lógica no padrão básico da língua portuguesa corresponde a: **SUJEITO, VERBO, COMPLEMENTOS.**

Piacentini (2009, p. 11-12) cita sete observações importantes que, segundo ela, resumem o uso da vírgula:

1) A vírgula é gramatical (lógico-sintática), ou seja, não serve apenas para marcar pausa, e nem sempre corresponde à pontuação expressiva.

- 2) Pode haver pausa onde não há vírgula, mas, onde há vírgula, muda-se a entonação da voz.
- 3) A vírgula pode ser pessoal servindo para dar realce, pois o que uma pessoa faz questão de destacar com a vírgula, outra pode não fazer.
- 4) “Não há uniformidade entre os escritores quanto ao emprego da vírgula”.
- 5) “Não há regras absolutas, mas algumas de uso geral são possíveis.”
- 6) A vírgula assinala separação de sentido, assim não se usa a vírgula entre termos ligados.
- 7) O principal objetivo da vírgula é esclarecer o sentido da frase eliminando as ambiguidades.

Haja vista que não há um padrão, ou mesmo um consenso, quanto ao uso da vírgula, as regras citadas por diferentes autores nas respectivas obras foram expostas no Quadro a seguir, para facilitar a compreensão e a comparação dessas regras.

QUADRO-SÍNTESE DAS REGRAS GRAMATICAIS DE EMPREGO DA VÍRGULA (FONTES VARIADAS)			
PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz <i>Só Vírgula: Método fácil em vinte lições</i>	CAMARGO, Thaís Nicoleti de <i>O uso da Vírgula</i>	ALMEIDA, Napoleão Mendes de <i>Gramática metódica da língua portuguesa</i>	CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley <i>Nova gramática do português contemporâneo</i>
<p><b>Intercalação</b></p> <p>Utiliza-se vírgulas para isolar locuções e orações intercaladas, independente da intercalação ser <b>aposto, adjunto adverbial, conjunção, oração reduzida etc.</b></p> <p>A vírgula marcará a interrupção da sequência sintática (ordem direta) da frase. Exemplos:</p> <p>Os grandes momentos do espetáculo pertencem, <i>apesar das críticas</i>, a Ney Matogrosso.</p> <p>Os grandes momentos do espetáculo, <i>apesar das críticas</i>, pertencem a Ney Matogrosso.</p> <p><i>Apesar das críticas</i>, os grandes momentos do espetáculo pertencem a Ney Matogrosso.</p>	<p><b>Adjunto adverbial recuado ou intercalado</b></p> <p><i>Há quatro meses</i>, a escola começou a funcionar.</p> <p>Todos sabiam que, <i>embora fosse um bom pai</i>, ele tinha momentos de impaciência.</p> <p><b>Predicativo do sujeito no início da frase ou intercalado</b></p> <p>Mãe e filha esperavam, <i>ansiosas</i>, o resultado do exame.</p> <p><b>Aposto</b></p> <p>Ângela Maria, <i>famosa cantora popular</i>, decidiu aposentar-se.</p> <p><b>Objetos diretos e indiretos antecipados</b></p> <p><i>A carta</i>, traga-a imediatamente!</p>	<p><b>Deslocação</b></p> <p>Vírgula para evitar ambiguidade na sínquise ou deslocação violenta dos complementos:</p> <p>A grita se levanta ao céu, <i>da gente</i>.</p>	<p><b>Orações intercaladas</b></p> <p><i>Lá vem ele com as raízes, resmungou Paulino, baixando a cabeça.</i></p> <p><b>Adjunto adverbial antecipado</b></p> <p><i>Lá fora</i>, a chuvada despenhou-se por fim.</p> <p><b>Aposto ou qualquer elemento explicativo</b></p> <p>Alice, <i>a menina</i>, estava feliz.</p>
<p><b>Vocativo</b></p> <p>Vírgula obrigatória para separar o vocativo (termo para interpelar, chamar alguém):</p> <p>Olá, <i>Margarete</i>.</p> <p>Confesso, <i>Dona Maria</i>, que nunca vi bolo igual.</p>	<p><b>Vocativo</b></p> <p>Pode estar no início, no meio ou no fim da oração, mas sempre separado por vírgulas:</p> <p>Vem me ajudar, <i>ó Fulô!</i></p>	<p><b>Vocativo</b></p> <p>Quando inicia a oração, há vírgula depois; quando no meio, entre vírgulas; quando no fim, vírgula antes:</p> <p><i>Alunos</i>, recordem as correções.</p>	<p><b>Vocativo</b></p> <p>Vírgula para isolar o vocativo:</p> <p>Que ideias tétricas, <i>minha senhora!</i></p>

<p><b>Coordenação</b></p> <p>Vírgula para indicar a coordenação de quaisquer elementos do mesmo valor sintático, mas independentes entre si:</p> <p><i>Era feio, magro, baixo, um horror.</i></p> <p><b>E, nem, ou</b></p> <p>Quando entre os termos encontra-se uma das conjunções <i>e/nem/ou</i> não é necessária a vírgula. Sendo esta facultativa quando utilizada para dar ênfase:</p> <p><i>1, 8, 15 e 30</i> são meus números favoritos.</p> <p>Ou vai <i>ou</i> racha.</p> <p>Não há uma barraca, <i>nem</i> um toldo, <i>nem</i> um guarda-sol aberto.</p> <p>Vírgula facultativa para retirar ambiguidades (no caso em que o “e” une orações com sujeitos diferentes):</p> <p>A guerra mata os filhos, e as mães choram desesperadamente.</p>	<p><b>Enumerações</b> (sequência de termos de mesma importância e função na frase)</p> <p>Vírgula para marcar as enumerações:</p> <p><i>Chegaram, procuraram</i> o escritor, <i>fizeram</i> a entrevista e partiram.</p> <p><b>E, nem, ou</b></p> <p>Antecedidos por vírgula (facultativa) apenas para dar ênfase ou para eliminar ambiguidades (quando “e” une orações com sujeitos diferentes):</p> <p>Ele fez o céu, e a terra, e o mar, e tudo quanto há neles.</p> <p><i>Ou cedo, ou tarde</i>, ele saberá a verdade.</p> <p>Ganhamos prêmios em dinheiro, e brindes foram distribuídos entre os participantes da gincana.</p>	<p><b>Idêntica função sintática</b></p> <p>Vírgula entre palavras, membros e orações de idêntica função sintática:</p> <p><i>Pedro, João, Antônio</i> saíram.</p>	<p><b>Mesma função sintática</b></p> <p>Vírgula para separar elementos com a mesma função sintática, quando não estão unidos pelas conjunções: e, ou e nem:</p> <p><i>A sua fronte, a sua boca, o seu riso, as suas lágrimas</i>, enchem-lhe a voz de formas e de cores.</p> <p><b>E, nem, ou</b></p> <p>Quando repetidos, normalmente separam-se com vírgulas os elementos coordenados:</p> <p>Abrem-se lírios, e jasmims, e rosas.</p> <p><i>Nem eu, nem tu, nem ela</i>, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais.</p> <p>Geralmente separa-se por vírgula orações com sujeitos diferentes unidas pela conjunção “e”:</p> <p>O sol já ia fraco, e a tarde era amena.</p>
<p><b>Conjunção “mas”</b></p> <p>Ao iniciar uma nova oração no mesmo período, “mas” deve ser precedido de vírgula:</p> <p>Não sei o que houve, <i>mas</i> acho que Joaquim ficou aborrecido.</p>	<p><b>Conjunção “mas”</b></p> <p>A conjunção “mas” indica oposição, é antecedida por vírgula e nunca aparece intercalada:</p> <p>A justiça tarda, <i>mas</i> não falha.</p>	<p>---</p>	<p><b>Conjunção “mas”</b></p> <p>Vêm no começo da oração e antecedida por vírgula:</p> <p>Vá aonde quiser, <i>mas</i> fique morando conosco.</p>

<p><b>Conjunções</b></p> <p><b>Adversativas: porém, contudo, todavia, entretanto e no entanto.</b></p> <p>Vírgula antes da conjunção ao iniciar nova oração no mesmo período, ou quando estiver posposta; e vírgula antes e depois quando estiver intercalada:</p> <p>Gosto de chá, <i>porém</i> gosto ainda mais de café.</p> <p>Nunca gostei de chá-mate, <i>porém</i>.</p> <p>Não devo, <i>todavia</i>, abusar de bebidas quentes.</p> <p><b>Conclusivas: logo, por isso, assim, portanto, então, pois e consequentemente.</b></p> <p>Ao iniciar oração coloca-se vírgula à direita; e entre vírgulas quando intercalada:</p> <p>Estou escrevendo. <i>Logo</i>, quero silêncio.</p> <p>A princípio, <i>portanto</i>, não existem planos para o mercado de automóveis.</p> <p>Pois (como conjunção conclusiva) vem depois do verbo e entre vírgulas:</p> <p>Estou lendo; não quero, <i>pois</i>, que me interrompam.</p>	<p><b>Conjunções</b></p> <p>Normalmente antecedidas por vírgula quando iniciam a oração, ou entre vírgulas quando estão intercaladas (<b>porém, entretanto, todavia, contudo, pois, portanto</b> etc.):</p> <p>Está chovendo muito, <i>portanto</i> não sairemos para o passeio.</p> <p><b>Conjunções que indicam oposição (mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto)</b></p> <p>Sempre são antecedidas por vírgula, ou entre vírgulas quando intercaladas:</p> <p>Correu muito, <i>todavia</i> não chegou a tempo de encontrá-lo.</p> <p>Correu muito; não chegou, <i>todavia</i>, a tempo de encontrá-lo.</p> <p><b>Conjunções subordinativas conformativas (como, conforme, segundo)</b></p> <p>Vírgula antes de conjunções que indicam conformidade entre ideias:</p> <p>Eles prepararam uma grande festa, <i>conforme</i> o combinado.</p>	<p><b>Ênfase</b></p> <p>Vírgula para dar ênfase a certas <b>conjunções, advérbios e locuções adverbiais</b>:</p> <p>Alguém, <i>talvez</i>, queira.</p> <p><b>Conjunções pospositivas</b></p> <p>Vírgula para separar certas conjunções pospositivas, tais como porém, contudo, pois, todavia:</p> <p>Vens, <i>pois</i>, anunciar-me uma desventura?</p>	<p><b>Conjunções</b></p> <p><b>Adversativas: porém, todavia, contudo, entretanto e no entanto.</b></p> <p><b>Conclusivas: logo, portanto, por conseguinte, etc.</b></p> <p>Podem vir no início da oração (vírgula antes), ou intercaladas (entre vírgulas):</p> <p>Vá aonde quiser, <i>porém</i> fique morando conosco.</p> <p>Vá aonde quiser, fique, <i>porém</i>, morando conosco.</p>
<p><b>Advérbios terminados em -mente</b></p> <p>Vírgula facultativa usada apenas para ênfase:</p> <p><i>Infelizmente</i>(,) não nos encontramos no colégio.</p>	<p>---</p>	<p>---</p>	<p>---</p>

<p><b>Advérbio e Locução adverbial</b></p> <p><b>Locução adverbial</b> é isolada com vírgulas. Mas se pequena e no início do período a vírgula é dispensável:</p> <p>Pelo que eu saiba, Matias já foi exonerado.</p> <p>Matias, <i>pelo que eu saiba</i>, já foi exonerado.</p> <p><i>Graças a Deus</i> o furacão já passou.</p> <p>Intercalação de <b>advérbios e pequenas explicações</b> em frases curtas a vírgula é facultativa:</p> <p>Encaminho-lhe(,) <i>em anexo</i>(,) o mapa da região.</p>	---	<p><b>Advérbio e locução adverbial</b></p> <p>Vírgula depois de <i>assim, então, demais</i> e de outros advérbios e locuções adverbiais, empregados em princípios de sentenças, com sentido de conjunção:</p> <p><i>Então</i>, iremos hoje?</p>	<p><b>Adjunto adverbial “de pequeno corpo”</b></p> <p>Vírgula facultativa:</p> <p><i>Depois</i>(,) tudo caiu em silêncio.</p>
<p><b>Adjunto adverbial de tempo e lugar</b></p> <p>Vírgula facultativa:</p> <p><i>No Brasil</i>(,) a empresa fechou alguns contratos importantes durante o primeiro trimestre.</p>	---	---	---
<p><b>Orações subordinadas adverbiais</b></p> <p>Vírgula para separar a oração subordinada quando anteposta à principal, ou intercalada:</p> <p><i>Assim como estão agora</i>, as crianças parecem anjos.</p> <p>As crianças, <i>como estão agora</i>, parecem anjos.</p>	<p><b>Orações subordinadas adverbiais</b></p> <p>Vírgula após a oração subordinada quando ela estiver antes da principal:</p> <p><i>Quando se levantou</i>, os seus olhos tinham uma fria determinação.</p>	---	<p><b>Oração subordinada adverbial</b></p> <p>Vírgula, principalmente quando a subordinada está anteposta a principal:</p> <p><i>Se eu o tivesse amado</i>, talvez o odiasse agora.</p>
<p><b>Entre o nome da cidade e a data -</b> Vírgula obrigatória:</p> <p><i>São Paulo</i>, 1º de julho de 2003.</p>	---	<p><b>Separar data da localidade</b></p> <p><i>Itaí</i>, 8 de janeiro de 1991.</p>	<p><b>Separar na datação o nome do lugar</b></p> <p><i>Paris</i>, 22 de abril de 1983.</p>

<p><b>Pois e porque (causais ou explicativas)</b> Precedidos por vírgula facultativa quando vem depois da oração principal: Não saímos (,) <i>porque</i> estava chovendo.</p> <p><b>Pois (conjunção conclusiva)</b> Vem depois do verbo e entre vírgulas: O turismo é o setor que mais cresce. Receberá, <i>pois</i>, grandes investimentos do Estado.</p>	<p><b>Porque</b> (conjunção coordenativa <b>explicativa</b>) – obrigatoriamente antecedida por vírgula: Choveu, <i>porque</i> o chão está molhado.</p> <p><b>Porque</b> (conjunção subordinativa <b>causal</b>) – não se usa vírgula: O jogo foi encerrado <i>porque</i> chovia muito.</p> <p><b>Pois</b> (de igual valor do porque - <b>explicativo</b>) – antecedido por vírgula: Choveu, <i>pois</i> o chão está molhado.</p> <p><b>Pois</b> (de igual valor de portanto - <b>conclusivo</b>) – intercalado na oração entre vírgulas: Era corajoso; enfrentaria, <i>pois</i>, as dificuldades.</p>	---	<p><b>Pois (conjunção conclusiva)</b> Deve estar isolado por vírgulas: Não pacteia com a ordem; é, <i>pois</i>, uma rebelde.</p>
<p><b>Elementos explicativos ou corretivos:</b> isto é, a saber, ou seja, por assim dizer, a propósito, além disso, ou melhor, ou antes, digo, entre outras.</p> <p>Vírgula para separar elementos e locuções explicativas ou corretivas: Foi assim que a comédia, <i>ou melhor</i>, a tragédia começou.</p>	<p>Vírgula para marcar interrupção na frase por <b>Expressões:</b></p> <p><b>Explicativas:</b> por exemplo, ou seja, isto é.</p> <p><b>Corretivas:</b> ou melhor, aliás, do contrário.</p> <p><b>De Ideias que se opõem:</b> não obstante, mesmo assim, ainda assim.</p> <p><b>De Continuação:</b> então, afinal.</p> <p><b>Que introduzem nova informação:</b> Bem como, Assim como, Além de.</p> <p>No primeiro tempo, <i>por exemplo</i>, o jogador mostrou todo o seu potencial.</p> <p><i>Além de</i> conceder autógrafos, o escritor prestigiará o evento com sua visita.</p> <p>O senador, <i>assim como</i> a sua mulher, estará presente.</p>	<p><b>Locuções explanatórias</b></p> <p>Vírgula para separar certas locuções explanatórias, tais como: isto é, por exemplo, por assim dizer, ao meu ver, por outra, além disso, a saber, ou seja etc.:</p> <p>Porei todavia aqui mais um exemplo, <i>isto é</i>, acrescentarei mais uma prova.</p>	---

<p><b>Orações reduzidas de gerúndio, particípio e infinitivo</b></p> <p>Vírgula para separar a oração reduzida quando anteposta à principal:</p> <p><i>Sabendo</i> disso, ele se afastou.</p> <p><i>Passado</i> o vendaval, atracamos o barco.</p> <p><i>Ao receber</i> o troféu, desmaiou.</p>	<p><b>Oração reduzida (quando o verbo está no infinitivo, no gerúndio ou no particípio)</b></p> <p>Deve ser separada por vírgula, sobretudo quando vem antes da oração principal:</p> <p><i>Sendo tantas as opções</i>, a escolha fica difícil.</p> <p>O suspeito foi preso, <i>acusado de desacato à autoridade</i>.</p>	---	<p><b>Orações reduzidas de gerúndio, particípio e infinitivo</b></p> <p>Separar as orações reduzidas quando equivalentes a orações adverbiais:</p> <p><i>Fatigado</i>, ia dormir.</p>
<p><b>Datas e números - Vírgula facultativa:</b></p> <p>Em 1985(,) ocorreu novo surto de sarampo.</p> <p>Vinte e dois mil(,) quinhentos e um.</p>	---	---	---
<p><b>Oração adjetiva explicativa</b></p> <p>Vem obrigatoriamente precedida de vírgula ou entre vírgulas se intercalada:</p> <p>A lei nº 8.078/90, <i>que dispõe sobre a proteção do consumidor</i>, foi sancionada por clamor da sociedade.</p>	<p><b>Oração adjetiva explicativa</b> (indica explicação e pode ser retirada sem que haja prejuízo ao significado da frase como um todo)</p> <p>Deve ser separada por vírgulas:</p> <p>Os operários, <i>que fizeram greve</i>, reivindicaram aumento salarial.</p>	<p><b>Subordinada Adjetiva Explicativa</b></p> <p>Vem entre vírgulas, o que a diferencia da restritiva:</p> <p>O homem, <i>que é mortal</i>, passa rápido sobre a terra.</p>	<p><b>Oração subordinada adjetiva explicativa</b></p> <p>Isolada entre vírgulas:</p> <p>O Loas, <i>que tinha relações sobrenaturais</i>, diagnosticara um espírito.</p>
<p><b>Verbo subentendido</b></p> <p>A vírgula pode indicar ou marcar a omissão do verbo:</p> <p>Na feira comprei frutas, no supermercado café.</p> <p>Na feira comprei frutas; no supermercado, café.</p> <p>A empreiteira implodiu o edifício e o ministério, seus opositores.</p> <p>O carro popular fica mais caro, e o de luxo mais barato.</p>	<p><b>Ausência de verbo</b></p> <p>A vírgula pode assinalar a elipse (omissão) do verbo:</p> <p>O rapaz tocava piano; a moça, violão.</p>	<p><b>Para indicar o zeugma do verbo</b></p> <p>Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios.</p> <p><b>Substituir o verbo ser</b></p> <p>Pode a vírgula ser empregada, enfaticamente, em lugar do verbo ser em orações de fácil compreensão:</p> <p>Estes, os maiores perigos.</p>	<p><b>Indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo) ou de um grupo de palavras</b></p> <p>No céu azul, dois fiapos de nuvens.</p> <p>A tarde, de ouro pálido, e o mar, tranquilo como o céu.</p>

<b>Verbos de elocução<sup>1</sup></b> Verbos que caracterizam a fala devem ser separados por vírgula: Não aceito, <i>respondi eu</i> , e desliguei o telefone.	---	---	<b>Orações intercaladas</b> Se o alienista tem razão, <i>disse eu comigo</i> , não haverá muito que lastimar o Quincas Borba.
---	<b>Sim e Não</b> Devem ser separados por vírgulas: Nunca pedi, <i>não</i> . <i>Sim</i> , é o que quero.	<b>Sim e Não</b> Vírgula depois de “sim” ou “não”, colocados no princípio da sentença: Sim, quero.	<b>Sim e Não</b> <i>Sim</i> , senhor. <i>Não</i> , senhor.
---	<b>Travessão</b> Vírgula após o segundo travessão se o termo anterior ao primeiro “pedir”: Caso ocorram ajustes nos programas de TV – <i>o que é bem provável</i> –, as telenovelas serão exibidas mais tarde.	<b>Parênteses</b> Introduzindo-se num período um parêntese em lugar onde já haja vírgula, esta se coloca depois de fechado o parêntese: Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu baterem...	---
---	---	<b>Provérbios</b> Vírgula para separar os elementos paralelos de uma expressão proverbial: A pai muito ganhador, filho muito gastador.	---

Como se pode concluir, para virgular corretamente deve-se conhecer a sintaxe, e não se basear apenas nas pausas da fala, porque a língua oral de cada indivíduo tem particularidades, tais como regionalismos, sotaques e ritmos de leitura diversos, ao passo que a língua escrita se submete à norma culta padrão, estabelecendo regras gerais que facilitam a compreensão do texto no momento da leitura, independente da naturalidade ou da classe social do escritor e do leitor.

<sup>1</sup> Houve incongruência entre a regra e o exemplo, pois a informação coerente seria que *orações com verbos que caracterizam a fala devem ser separadas por vírgulas*, haja vista que o verbo não fica isolado sozinho, mas toda a oração com o verbo de elocução. Cabe ressaltar, que nem sempre onde existe verbo de elocução deverá ocorrer separação por vírgulas, pois esse isolamento deverá ocorrer somente àqueles verbos de elocução – seguidos do respectivo enunciado – que se intercalarem, como discurso indireto, no registro escrito de discursos diretos.

### 3 MUDANÇAS NO SENTIDO MEDIANTE ALTERAÇÃO OU OMISSÃO DA VÍRGULA

Neste capítulo, abordaremos a relevância do conhecimento gramatical para o uso da vírgula e apresentaremos os efeitos de sentido implicados na alteração ou na omissão deste sinal de pontuação em textos escritos da língua portuguesa.

Para Ildete Pinto (1993, p. 13), é fundamental conhecer análise sintática para pontuar corretamente. Ildete diz que “a pontuação correta das orações adjetivas, restritivas e explicativas, por exemplo, denota antes de tudo clareza na mensagem.”

Assim, a vírgula faz a diferença entre a oração subordinada adjetiva restritiva e a explicativa, conforme mostra o exemplo encontrado na *Gramática ao alcance de todos*, de Josué Mendes (2011, p. 136):

**a) A moça, que vinha de moto, fitou o céu.**

(Supõe-se apenas uma moça que vinha de moto).

**b) A moça que vinha de moto fitou o céu.**

(Supõe-se a existência de outras moças, mas somente a da moto fitou o céu).

O enunciado “a” constitui uma oração subordinada adjetiva explicativa, que encerra uma simples explicação ou informação adicional, enquanto em “b” encontramos uma oração subordinada adjetiva restritiva, a qual delimita o sentido do substantivo. Assim, a marca escrita da explicação é a vírgula, enquanto a da restrição é a ausência dela.

Em concordância com o que foi afirmado acima, segue um exemplo de autoria desconhecida, cujo sentido muda apenas pela posição da vírgula, sendo a pausa atribuída à vírgula necessária para desfazer a ambiguidade: **"Se o homem soubesse o valor que tem a mulher andaria de quatro a sua procura"**.

a) Opção feminista - a mulher é quem tem valor: *Se o homem soubesse o valor que tem a mulher, andaria de quatro a sua procura.*

b) Opção machista - o homem é quem tem valor: *Se o homem soubesse o valor que tem, a mulher andaria de quatro a sua procura.*

A seguir, apresentamos outro exemplo retirado da internet, o texto utilizado na **campanha dos 100 anos da ABI** (Associação Brasileira de Imprensa):

Vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.<sup>2</sup>

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.<sup>3</sup>

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.<sup>4</sup>

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.<sup>5</sup>

E vilões.

Esse, juiz, é corrupto.

Esse juiz é corrupto.<sup>6</sup>

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.<sup>7</sup>

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.<sup>8</sup>

Uma vírgula muda tudo.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

<sup>2</sup> O emprego da vírgula opõe os sentidos dos enunciados, em que o primeiro diz para esperar, ao passo que o segundo determina que não se espere.

<sup>3</sup> O emprego da vírgula na matemática gera noções numéricas diferentes.

<sup>4</sup> O uso da vírgula diferencia, os sentidos opostos de "obrigado": agradecimento e imposição.

<sup>5</sup> A vírgula determina os limites dos termos iniciais "Isso só" e "Isso", que funcionam como objetos diretos de "resolve".

<sup>6</sup> As vírgulas isolam o vocativo do primeiro enunciado, que inexistente no segundo.

<sup>7</sup> O uso da vírgula marca oposição de sentido entre aquilo que não foi e o que foi resolvido.

<sup>8</sup> A explicação para o emprego das vírgulas está na construção de sentidos opostos dos enunciados, assim, o primeiro enunciado diz que não querem saber, ao passo que o segundo, que querem saber.

A constatação é de que uma vírgula pode mudar completamente o sentido de uma frase, por isso tem a capacidade de dificultar a escolha dos escritores e dos revisores, causando dúvidas a respeito de como usá-la.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Para ressaltar a importância da vírgula para a construção do sentido do texto, será feita a análise do emprego ou da falta da vírgula em escritos variados. Trata-se de quatro textos, pertencentes a gêneros diversos, como se indicou na Introdução do trabalho.

Seguindo a proposta metodológica, a análise em cada texto será efetuada em dois passos. No primeiro, apontam-se as regras gramaticais de emprego de pontuação, seguidas das influências do uso da vírgula nos escritos, enquanto, no segundo, serão identificados possíveis prejuízos quanto à compreensão das frases sem as vírgulas.

### 1) Texto: “A casa das ilusões perdidas”

#### **Primeiro passo:** apreciação e análise do texto original

#### **A casa das ilusões perdidas**

Quando ela anunciou que estava grávida, a primeira reação dele foi de desagrado, logo seguida de franca irritação. Que coisa, disse, você não podia tomar cuidado, engravidar logo agora que estou desempregado, numa pior, você não tem cabeça mesmo, não sei o que vi em você, já devia ter trocado de mulher havia muito tempo. Ela, naturalmente, chorou, chorou muito. Disse que ele tinha razão, que aquilo fora uma irresponsabilidade, mas, mesmo assim, queria ter o filho. Sempre sonhara com a maternidade – e agora que o sonho estava prestes a se realizar, não deixaria que ele se desfizesse.

– Por favor, suplicou. – Eu faço tudo o que você quiser, eu dou um jeito de arranjar trabalho, eu sustento o nenê, mas, por favor, me deixe ser mãe.

Ele disse que ia pensar. Ao fim de três dias daria a resposta. E sumiu.

Voltou, não ao cabo de três dias, mas de três meses. Àquela altura ela já estava com uma barriga avantajada que tornava impossível o aborto; ao vê-lo, esqueceu a desconsideração, esqueceu tudo – estava certa de que ele vinha com a mensagem que tanto esperava, você pode ter o bebê, eu ajudo você a criá-lo.

Estava errada. Ele vinha, sim, dizer-lhe que podia dar à luz a criança; mas não para ficar com ela. Já tinha feito o negócio: trocariam o recém-nascido por uma casa. A casa que não tinham e que agora seria o lar deles, o lar onde – agora ele prometia – ficariam para sempre.

Ela ficou desesperada. De novo caiu em prantos, de novo implorou. Ele se mostrou irredutível. E ela, como sempre, cedeu.

Entregue a criança, foram visitar a casa. Era uma modesta construção num bairro popular. Mas era o lar prometido e ela ficou extasiada. Ali mesmo, contudo, fez uma declaração:

– Nós vamos encher esta casa de crianças. Quatro ou cinco, no mínimo.

Ele não disse nada, mas ficou pensando. Quatro ou cinco casas, aquilo era um bom começo.

(Moacyr Scliar, *Folha de S. Paulo*, 14/6/1999.)

O emprego das vírgulas facilitou a organização e a compreensão do texto, e ainda forneceu uma orientação para a leitura da crônica com a influência da vírgula no ritmo dela.

É válido considerar que a vírgula somente ajudou por ter sido colocada nos lugares corretos, em consonância com a sintaxe da língua, pois, se as vírgulas fossem mal empregadas, ao invés de colaborar com o sentido do texto, elas iriam atrapalhar.

Assim, veremos o que motivou o emprego das vírgulas encontradas no texto, de acordo com a norma padrão da língua portuguesa:

**1) “Quando ela anunciou que estava grávida, a primeira reação dele foi de desagrado”**

Vírgula depois da oração subordinada, devido a ela estar antes da oração principal.

O efeito da antecipação sintática é a ênfase no que está “subordinado”, mas é relevante semanticamente, o que não ocorreria se o período estivesse na chamada ordem direta. A vírgula indica a ruptura da ordem direta.

**2) “a primeira reação dele foi de desagrado, logo seguida de franca irritação”**

Vírgula para separar as duas orações coordenadas.

O efeito do emprego da vírgula é o sentido explicativo do segundo termo, iniciado pelo emprego do advérbio “logo”.

**3) “Que coisa, disse, você não podia tomar cuidado”**

Vírgula para isolar verbo de elocução, que caracteriza a fala no discurso indireto, em posição intercalada.

O emprego do par de vírgulas indica os limites do discurso indireto dentro do discurso direto.

4) “você não podia tomar cuidado, engravidar logo agora que estou desempregado, numa pior, você não tem cabeça mesmo, não sei o que vi em você, já devia ter trocado de mulher havia muito tempo”

Vírgulas para indicar a coordenação entre palavras, membros e orações de mesmo valor sintático, mas independentes entre si, quando não estão unidos pelas conjunções “e”, “ou”, “nem”.

As vírgulas isolam as orações que compõem a coordenação.

5) “Ela, **naturalmente**, chorou”

Vírgulas para dar ênfase ao advérbio terminado em -mente, que rompeu a ordem direta dos termos da oração, ao interpor-se entre o sujeito e o verbo

Aqui o uso das vírgulas para isolar o advérbio é facultativo, servindo apenas para indicar a intercalação entre o sujeito e o predicado da oração.

6) “**chorou, chorou** muito”

Vírgula para indicar a coordenação entre as orações de mesmo valor sintático e não unidas pela conjunção “e”.

O emprego da vírgula é justificado pela necessidade de indicar a conexão entre as orações, uma vez que o conector foi suprimido. A repetição da forma verbal em posição de sucessão enfatiza o sentido.

7) “Disse que ele tinha razão, que aquilo fora uma irresponsabilidade”

Vírgula para assinalar a omissão do verbo. / Vírgula para marcar a coordenação das orações não unidas pela conjunção “e”

O emprego da vírgula é justificado pela necessidade de indicar a omissão da forma verbal (*dizer*) da segunda oração. Ao mesmo tempo, estabelece a coordenação das orações, uma vez que o conector (conjunção “e”) foi suprimido.

8) “que aquilo fora uma irresponsabilidade, **mas**, mesmo assim, queria ter o filho”

Vírgula antecedente de oração coordenativa adversativa.

Ao iniciar a nova oração no mesmo período, a conjunção “mas” é precedida de vírgula obrigatória, para separar dois termos coordenados.

9) “que aquilo fora uma irresponsabilidade, mas, **mesmo assim**, queria ter o filho”

Vírgula para isolar termo intercalado.

A expressão “mesmo assim”, que transmite ideia de oposição, constitui uma interrupção na ordem direta da frase, portanto, deve ser isolada por vírgulas.

10) “Sempre sonhara com a maternidade – e agora que o sonho estava prestes a se realizar, **não deixaria que ele se desfizesse**”

Vírgula para indicar ruptura da ordem direta por antecipação de termo subordinado.

Houve antecipação do termo subordinado em relação à oração principal. A ordem direta, provavelmente, seria: *Sempre sonhara com a maternidade, e não deixaria que esse sonho se desfizesse agora que ele estava prestes a se realizar.*

Observe-se, no enunciado, a ausência da vírgula obrigatória antes da palavra “agora”, para indicar a intercalação na frase. Entretanto, mesmo sem a vírgula mencionada, ainda foi possível detectar a alteração da ordem direta.

11) “– Por favor, **suplicou**”

Vírgula para isolar verbo de elocução, que caracteriza a fala, quando não está em forma de diálogo.

O emprego da vírgula indica os limites entre o discurso direto e o indireto.

12) “– **Eu** faço tudo o que você quiser, **eu** dou um jeito de arranjar trabalho, **eu** sustento o nenê”

Vírgula para indicar a coordenação entre palavras, membros e orações de mesmo valor sintático, mas independentes entre si, quando não estão unidos pelas conjunções “e”, “ou”, “nem”.

O emprego da vírgula é justificado pela necessidade de indicar a conexão entre as orações, uma vez que o conector foi suprimido. A enumeração dos termos coordenados dá ênfase ao que se diz no enunciado.

13) “eu sustento o nenê, **mas**, por favor, me deixe ser mãe”

Vírgula antecedente de oração coordenativa adversativa.

Ao iniciar a nova oração no mesmo período, a conjunção “mas” é precedida de vírgula obrigatória, para separar dois termos coordenados.

14) “eu sustento o nenê, mas, **por favor**, me deixe ser mãe”

Vírgula para isolar termo intercalado.

A expressão “por favor” constitui uma interrupção na ordem direta da frase, portanto, deve ser isolada por vírgulas.

15) “Voltou, **não ao cabo de três dias**, mas de três meses”

Vírgula para isolar termo de valor adverbial.

A vírgula isola o termo de valor adverbial e marca o sentido adversativo, sugerindo o seguinte significado: *Voltou, mas não ao cabo de três dias.*

16) “Voltou, não ao cabo de três dias, **mas** de três meses”

Vírgula antecedente de oração coordenativa adversativa.

Ao iniciar a nova oração no mesmo período, a conjunção “mas” é precedida de vírgula obrigatória, para separar dois termos coordenados.

**17) “ao vê-lo, esqueceu a desconsideração”**

Vírgula para indicar ruptura da ordem direta.

Houve antecipação de termo para o início do período, com alteração da ordem direta. A ordem direta, provavelmente, seria: *Esqueceu a desconsideração ao vê-lo.*

**18) “esqueceu a desconsideração, esqueceu tudo”**

Vírgula para indicar a coordenação entre as orações de mesmo valor sintático e não unidas pela conjunção “e”.

O emprego da vírgula é justificado pela necessidade de indicar a conexão entre as orações, uma vez que o conector foi suprimido.

**19) “Ele vinha, sim, dizer-lhe que podia dar à luz a criança”**

Vírgulas para indicar a ruptura da ordem direta e a ênfase.

O vocábulo “sim” intercala-se entre o verbo auxiliar e o principal, constituindo ruptura da ordem direta. O “sim” tem valor enfático e a vírgula contribui para essa ênfase.

**20) “Ali mesmo, contudo, fez uma declaração”**

Conjunções que indicam oposição são antecedidas por vírgula, ou são colocadas entre vírgulas quando intercaladas.

A conjunção adversativa está intercalada e, por isso, encontra-se isolada por vírgulas.

## 21) “Quatro ou cinco, no mínimo”

Vírgula para indicar termo de valor adverbial de sentido explicativo.

A vírgula antes da expressão “no mínimo” foi colocada para introduzir um adjunto adverbial, que, mesmo na ordem direta, tem valor semântico explicativo.

**Segundo passo:** Análise do sentido do texto sem as vírgulas

### A casa das ilusões perdidas

Quando ela anunciou que estava grávida a primeira reação dele foi de desagrado logo seguida de franca irritação. Que coisa disse você não podia tomar cuidado engravidar logo agora que estou desempregado numa pior você não tem cabeça mesmo não sei o que vi em você já devia ter trocado de mulher havia muito tempo. Ela naturalmente chorou chorou muito. Disse que ele tinha razão que aquilo fora uma irresponsabilidade mas mesmo assim queria ter o filho. Sempre sonhara com a maternidade – e agora que o sonho estava prestes a se realizar não deixaria que ele se desfizesse.

– Por favor suplicou. – Eu faço tudo o que você quiser eu dou um jeito de arranjar trabalho eu sustento o nenê mas por favor me deixe ser mãe.

Ele disse que ia pensar. Ao fim de três dias daria a resposta. E sumiu.

Voltou não ao cabo de três dias mas de três meses. Àquela altura ela já estava com uma barriga avantajada que tornava impossível o aborto; ao vê-lo esqueceu a desconsideração esqueceu tudo – estava certa de que ele vinha com a mensagem que tanto esperava você pode ter o bebê eu ajudo você a criá-lo.

Estava errada. Ele vinha sim dizer-lhe que podia dar à luz a criança; mas não para ficar com ela. Já tinha feito o negócio: trocariam o recém-nascido por uma casa. A casa que não tinham e que agora seria o lar deles o lar onde – agora ele prometia – ficariam para sempre.

Ela ficou desesperada. De novo caiu em prantos de novo implorou. Ele se mostrou irredutível. E ela como sempre cedeu.

Entregue a criança foram visitar a casa. Era uma modesta construção num bairro popular. Mas era o lar prometido e ela ficou extasiada. Ali mesmo contudo fez uma declaração:

– Nós vamos encher esta casa de crianças. Quatro ou cinco no mínimo.

Ele não disse nada mas ficou pensando. Quatro ou cinco casas aquilo era um bom começo.

Nesse caso, a falta de vírgulas não mudou a “moral da história”, mas dificultou a leitura e a compreensão das frases.

Conforme pode ser constatado a seguir, a ambiguidade por falta de vírgulas não causou grandes danos à comunicação, devido aos contextos sintático e linguístico em que as possíveis frases ambíguas estavam inseridas.

Nas orações: **“Que coisa disse você não podia tomar cuidado”**... **“não sei o que vi em você já devia ter trocado de mulher havia muito tempo”**, devido o

contexto linguístico e comunicativo da crônica, podemos extrair que o homem dirigiu todas aquelas reclamações para a mulher, entretanto, se as frases estivessem “soltas”, ou seja, se não estivessem dentro de um texto, seria difícil determinar quem **disse**, ou mesmo, quem **já devia ter trocado de mulher**. Assim, o emprego das vírgulas no texto original, reforça a ideia de que “o homem” foi “quem” *disse* e “quem” *já devia ter trocado de mulher*: “Que coisa, disse, você não podia tomar cuidado”... “não sei o que vi em você, já devia ter trocado de mulher havia muito tempo.”

Com a supressão de vírgulas, algumas frases podem simular a linguagem oral, induzindo o leitor ao erro de interpretação por causa da falta de separação dos termos. Isso pode ocorrer, inclusive, nas orações que possuem as palavras “contudo” e “mas”.

Por exemplo, na frase “**Ali mesmo contudo fez uma declaração**”, com uma leitura desenfreada, devido à falta de vírgulas para isolar o conectivo contudo, é possível que se leia: *Ali mesmo **com tudo** fez uma declaração*, o que levaria o leitor a entender que mesmo com todas as coisas que estavam ali, naquele lugar, foi feita uma declaração.

Em “**Ele não disse nada mas ficou pensando**”, é provável que, baseado na linguagem oral, seja construído o seguinte sentido: *Ele não disse **nada mais** e ficou pensando*, o que diverge da mensagem almejada pelo autor do texto, de que embora não tenha dito nada, o personagem ficou pensando no assunto, sentido esse, reforçado com a vírgula no texto inicial: “Ele não disse nada, mas ficou pensando”.

## II) Imagens de quadrinhos retirados da internet

**Primeiro passo:** Análise do sentido das frases nos quadrinhos

### Figura (1)

Vírgula obrigatória para separar o vocativo./ Vírgula para marcar ruptura da ordem direta.



GOSCINNY, R. & UDERZO, A. *O combate dos chefes*. Campinas, Cedibra, s.d. p. 9.

Disponível em: <<http://desmontandotexto.blogspot.com.br/2009/06/aposto-e-vocativo.html>>. Acesso em: 30 jul 2013.

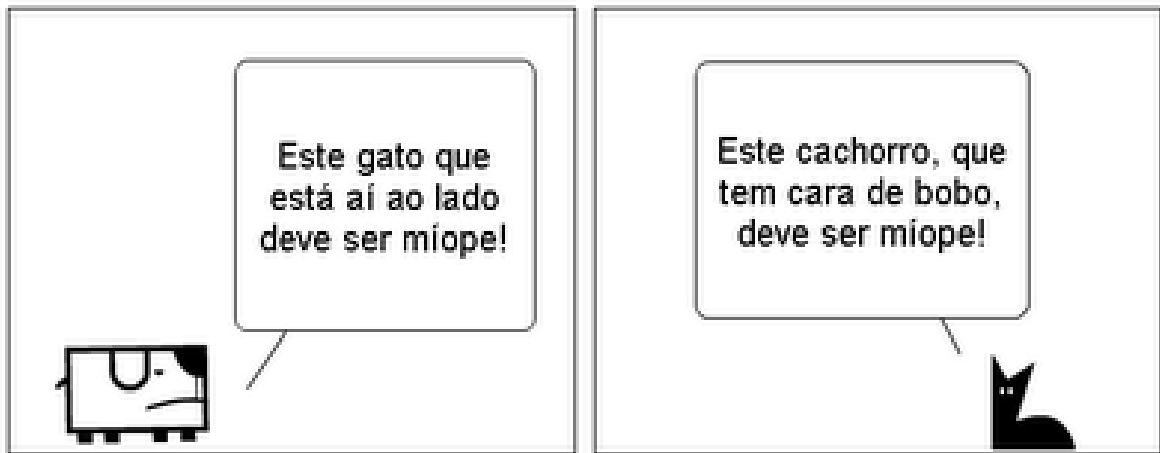
Entende-se que o Asterix perguntou ao Panoramix aonde ele iria, então este informou que iria à floresta colher ingredientes da poção mágica.

Ali, a vírgula empregada antes dos vocativos “Panoramix” e “Asterix” foi de crucial importância para a compreensão de que estes são os nomes dos personagens, e não da floresta e da poção mágica, respectivamente.

Também se verifica o uso da vírgula para isolar e enfatizar a partícula “Sim”, resultante da resposta afirmativa à pergunta formulada em discurso direto, que causa ruptura da ordem direta da frase.

## Figura (2)

Vírgula obrigatória para isolar oração subordinada adjetiva explicativa intercalada.



Disponível em: <<http://blogdivertido.blogspot.com.br/2010/05/so-duas.html>>. Acesso em: 30 jul 2013.

Na figura acima, há um gato e um cachorro, e ambos devem ser míopes. Entretanto, com a oração subordinada explicativa “*que tem cara de bobo*”, entre vírgulas, acrescenta-se a informação de que, além de haver apenas um cachorro míope, este também tem cara de bobo.

Assim, a subordinada adjetiva explicativa vem entre vírgulas e indica uma explicação complementar, que pode ser retirada sem haver prejuízo sintático, pois mesmo sem a oração “*que tem cara de bobo*”, a frase “Este cachorro deve ser míope”, ainda estaria completa e sem alteração de sentido, haja vista que a oração explicativa acrescenta uma informação “não essencial” ao sentido da oração principal.

**Figura (3)**

Vírgula obrigatória para marcar a conexão entre duas orações, quando existe supressão do conectivo.



Disponível em: <<http://www.bocaiuvaonline.com.br/pag/postdicas.php?iddicas=3&idpost=4>>. Acesso em: 15 jul 2013.

Na análise da figura 3, compreende-se que não se deve matar o rei, porque isso seria crime. Assim, como o conectivo indicador de causa foi suprimido, a vírgula eliminou a ambiguidade, separando os termos e mudando a entonação da frase. Com o auxílio do desenho, tem-se ainda que a vírgula mudou todo o contexto da história e livrou o súdito de uma possível retaliação. Mesmo assim, com ou sem as imagens do quadrinho, é possível definir a diferença de sentido do enunciado com a vírgula ou sem ela (“Matar o rei não, isso é crime” versus “Matar o rei não é crime”).

**Segundo passo:** Observação do sentido das frases sem as vírgulas e sem as figuras dos quadrinhos

### **Texto da Figura (1)**

- *Estás indo para a floresta Panoramix?*

- *Sim vou colher os ingredientes da poção mágica Asterix.*

No diálogo acima, é possível apreender que alguém irá à floresta de nome “Panoramix” para colher os ingredientes da poção “Asterix”.

Com isso, o sentido do enunciado torna-se completamente diferente do que é veiculado na figura original, e apenas o contexto linguístico e o conhecimento prévio, se for compartilhado pelo leitor, poderão esclarecer sobre a real intenção do autor do quadrinho, conforme já demonstrado anteriormente, que Panoramix e Asterix são os nomes dos personagens e não da floresta e da poção.

### **Texto da Figura (2)**

- *Este gato que está aí ao lado deve ser míope!*

- *Este cachorro que tem cara de bobo deve ser míope!*

Há mais de um gato, mas apenas o que está ao lado é que deve ser míope. Existe mais de um cachorro, mas apenas o que tem cara de bobo é que deve ser míope.

Em outras palavras, quando há uma restrição, a frase ocorre sem vírgulas, então apenas o cachorro que tem cara de bobo deve ser míope, possibilitando a existência de mais de um cachorro.

Diferentemente, a oração subordinada explicativa, “*que tem cara de bobo*”, vem entre vírgulas no quadrinho original, sinalizando que existe apenas um cachorro e adicionando a informação de que ele tem cara de bobo.

### Texto da Figura (3)

- *Matar o rei não é crime!!*

No enunciado acima, afirma-se que não é crime matar o rei. Não há vírgulas sinalizadoras de supressão de conectivos, nem explicações; existe apenas a informação de que matar o rei – não é matar qualquer pessoa, é matar o rei – não é crime, ressaltando ainda uma restrição ao alvo que pode ser assassinado sem que haja condenação ao homicida.

Esta interpretação retirada da frase sem vírgula, de que matar o rei não é crime, é o oposto do que foi informado no quadrinho original. Ressaltando que neste caso a vírgula pode mudar o sentido, e que matar o rei pode ou não ser crime, dependendo apenas de onde ela é ou não colocada.

Após a análise de todas as frases expostas neste trabalho, é possível extrair que, embora existam várias regras gramaticais quanto ao emprego da vírgula, três regras gerais foram repetidamente utilizadas:

**Primeira regra** – base semântica: O emprego da vírgula faz **mudar o sentido**: diferencia o que é restritivo do que é explicativo. A vírgula indica explicação e a falta dela, restrição. Exemplo:

*Este cachorro, que tem cara de bobo, deve ser míope!*

**Segunda regra** – base sintática: A vírgula é utilizada para **isolar termos** oracionais de mesmo valor sintático sem conectivos ou termos de valores diferentes. Empregue-se a vírgula para indicar separação entre termos coordenados ou entre termos diferentes. Exemplos:

*Eu faço tudo o que você quiser, eu dou um jeito de arranjar trabalho, eu sustento o nenê.* (termos coordenados)

*Estás indo para a floresta, Panoramix?* (termos diferentes – a vírgula isola o vocativo)

**Terceira regra** – base sintática: A vírgula é empregada para **marcar a intercalação**: ela indica a ruptura da ordem direta da frase. Exemplo:

*Ele vinha, sim, dizer-lhe que podia dar à luz a criança.*

Diante de tudo isso, observa-se que o emprego da vírgula não é feito com base na respiração, assim como também não é necessário que se memorizem diversas regras para que se possa empregar uma vírgula. Na verdade, para virgular bem, é necessário conhecer a estrutura da língua, observar as três regras gerais aqui citadas, e, é claro, ter bom senso. Assim, o emprego da vírgula torna-se algo mais racional e seguro, não sendo tão fácil, nem tão difícil, visto que ter conhecimento da sintaxe não é muito simples, nem observar as três regras gerais é muito complexo.

## 5 REVISÃO DE TEXTOS

Neste capítulo, discorreremos sobre o que é e para que serve a revisão de textos e quais são as atribuições do revisor.

No *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, a palavra “revisar” é conceituada como: visar de novo; ter novamente sob os olhos; fazer a inspeção de; apor visto a; ler a fim de consertar possíveis erros relativos à estrutura do texto ou ao conteúdo; emendar, corrigir, rever; ler prova tipográfica, acompanhando o original e assinalando os possíveis erros.

Todo texto precisa de revisão – “desde um simples memorando interno de uma empresa, ou um panfleto, até um gigantesco *outdoor* que será visto, por dias ou semanas, por milhares de pessoas.” (MALTA, 2000, p. 11)

Segundo Risoleide Rosa F. Oliveira (2010, p. 17-18), existe a perspectiva tradicional de que a revisão é uma etapa subsequente à produção escrita, com o objetivo de corrigir o texto com base nas convenções da norma culta e foco nos aspectos estruturais do texto. Em outra direção, a autora afirma que “há estudos que abordam a revisão como uma atividade recursiva, a qual pode ocorrer em qualquer etapa do processo,” deixando de lado a ideia de etapas lineares, sendo essa uma atividade de rever e retrabalhar um texto.

Para Ildete Pinto (1993, p. 125), o revisor não tem compromisso com o conteúdo do que se revisa, devendo apenas corrigir erros tipográficos:

A palavra revisão tem em si grande carga de significações, mas aqui se refere à revisão de provas. O revisor de provas (daqui por diante só revisor) teria por incumbência o cotejo da prova como o original sem compromisso com o conteúdo do texto e limitado apenas aos erros tipográficos.

Segundo Coelho Neto (2008, p. 61), qualquer autor comete erros, é repetitivo e fica incapacitado de perceber coisas absurdas em seu próprio texto. Isso

ocorre devido ao contato diuturno e exaustivo do autor com a criação. É nesse momento que surge a necessidade da prática de revisão:

Faz-se, então, imprescindível a figura do revisor. É na revisão textual consciente, detalhista, competente, que o conteúdo vai ser aprimorado, no que diz respeito à coesão e à coerência, aos erros tipográficos, aos erros conceituais, enfim, aos deslizos praticados pelo autor.

Coelho Neto (2008, p. 61, 79) afirma que, quanto mais preparado estiver o revisor, mais erros serão evitados e mais poderá influir na forma e no conteúdo da publicação. Para dar suporte à interação que o autor do texto pretende estabelecer com o leitor, é necessário o domínio da língua. Caberá ao revisor ter o domínio do código linguístico que o autor não possui, conhecendo vocabulário e as leis combinatórias que regem a língua.

De acordo com Malta (2000, p. 27), deter ótimo conhecimento de português é um dos requisitos para ser um bom revisor: “em matéria de regras de acentuação, regência, crase, por exemplo, o revisor tem de estar convicto, seguro, senhor de si, isto é, senhor de seu conhecimento.”

Para Malta (2000, p. 28), o bom revisor deve atualizar-se, continuamente, quanto à gramática, acentuação/ortografia, novos usos de palavras já existentes, neologismos, novas locuções e palavras que não possuem tradução. Um bom revisor precisa ler muito jornais e revistas, precisa ter cultura geral e estar sempre bem informado.

Coelho Neto (2008, p. 91-97), no capítulo cinco do seu livro, discorre sobre quais são os instrumentos para a revisão, os quais se resumem a: leitura na vida diária, dicionários, e elementos que compõem a norma culta.

De acordo com Malta (2000, p. 28), são três os fatores que, somados, resultam em um bom revisor: “saber consultar, ter uma memória e cultura boas,

duvidar.” Fora esses três elementos, Malta (2000) adverte que ao bom revisor também é necessário não deixar de ser o revisor para ser o autor do texto:

Nada de se meter a autor, reescrevendo furiosamente laudas e mais laudas só para mostrar ao editor que o revisor é competente. Este é um dos perigos da profissão de revisor: ser um autor frustrado e começar a retalhar, a deturpar, em nome de uma suposta inteligibilidade maior do texto, de uma melhor fluência etc. (MALTA, 2000, p. 28).

Para Coelho Neto (2008, p. 79), quando a comunicação textual não atingir os objetivos pretendidos pelo autor, é dado o momento de o revisor se impor, não só como profissional, mas como leitor, agindo como decisor linguístico, porém sem se esquecer de seus limites de atuação.

Apesar da necessidade de se conhecer a norma culta padrão da língua, Malta (2000, p. 84) adverte que um bom revisor deve também saber “aceitar certos modismos, é preciso, às vezes até atropelar um pouco o rigor da gramática para poder trabalhar com certos materiais.”

Em concordância com Malta, Coelho Neto (2008, p. 81) afirma que o revisor deve reconhecer os tipos de textos que seguem os parâmetros da norma culta: narrativos, descritivos, dissertativos/argumentativos, poéticos, dramáticos, epistolares. Ao mesmo tempo, além de conhecer as finalidades e as funções desses textos, o revisor também deve “saber das formas de expressão adequadas a cada situação: as polidas, as cerimoniosas, as diretas (sem rodeios), as informais, até mesmo as gírias, e as populares”.

Quanto ao relacionamento com os clientes, Malta (2000, p. 84) alega que o revisor deve sempre ter coragem de dizer quando não entendeu algum trecho do original ou da prova, para que não haja prejuízo à intenção do cliente. Para um bom resultado, Malta (2000, p. 84) orienta: “ouça sempre o que o cliente tem a dizer sobre o serviço, sobre o que espera que você faça com o material que tem a revisar.”

Coelho Neto (2008, p. 81) acrescenta que é fundamental ao revisor ter bom senso e diálogo com o editor para definir claramente quais serão as regras e qual será o rumo da revisão, estabelecendo-se, assim, o que será proibido e o que será tolerado.

A intencionalidade do emissor e sua ideologia estão sempre presentes em seus escritos, e isso tem de ser percebido e preservado pelo revisor, a fim de não alterar o estilo do autor.

O revisor de textos é um profissional que precisa buscar aprimoramento a cada dia para perceber todas as nuances de um texto. É necessário ser cuidadoso ao fazer intervenções, principalmente ao substituir termos, para não mudar o sentido desejado pelo autor. Muitas vezes, trocar uma palavra por seu sinônimo pode alterar aspectos semânticos do texto. Sobre sinonímia, Monteiro (2009, p. 53) defende:

Não obstante, é fácil argumentar que termos sinônimos, embora ligados a um mesmo referente, não possuem a mesma tonalidade emotiva. Por esse raciocínio, palavras como *oceano*, *mar*, *pélagos* etc. teriam níveis diferentes de poeticidade.

Para João Bosco Medeiros (2002), se não houver a solicitação do autor para que o revisor interfira em seu estilo, este deve ater-se às correções gramaticais e às de convenções da editora, jamais introduzindo alterações estilísticas, como a troca de palavras, alteração da ordem sintática dos termos da frase e substituição de expressões que estão corretas.

Segundo Malta (2000, p. 16-17), a atividade do revisor é diferente da atividade do copidesque, pois, ao revisor cabe apenas revisar originais e provas, e reler livros já publicados, baseando-se no cotejamento, enquanto o copidesque reescreve e retrabalha um original na busca de uma redação lógica, fluente e

entendível. O autor ainda acrescenta que o “revisor deve conhecer seus limites”, e faz advertências para os profissionais de revisão:

Cuidado, porém: o bom senso e o profissionalismo exigem que o revisor/copidesque seja fiel ao conteúdo do original. Copidesque que reescreve de cabo a rabo um livro de autor brasileiro ou uma tradução está querendo se evidenciar, mostrar serviço. Este é um dos problemas do revisor: ele tem de se limitar à sua função. (MALTA, 2000, p. 17).

Medeiros (2002, p. 230) não concorda com os termos *copidesque*, ou *copidescagem* e alega que o termo técnico e de uso corrente entre os autores que tratam da questão é normalização textual.

Enfim, todo copidesque é um revisor, mas nem todo revisor é um copidesque. Coelho Neto (2008, p. 139), por sua vez, admite que “a atividade de copidesque é mais complexa que a de revisão”, uma vez que, quando o autor não tem formação suficiente para resolver os problemas apontados pelo revisor, deverá ser contratado o copidesque, o qual irá redigir o texto de forma a assimilar o estilo do autor, com a sensibilidade necessária “para que o resultado final não pareça um ‘concerto a quatro mãos’.” Assim, se o texto estiver mal escrito, com repetições injustificáveis, mal paragrafado, com ideias desconexas, sem coesão e/ou sem coerência textual, este deverá ser copidescado.

Conforme Risoleide Oliveira (2010, p. 103), é fundamental que o revisor tenha “interação com o autor para a solução dos problemas encontrados no texto, principalmente os de ordem discursiva.”

O contexto e a ideologia na qual o gênero está inserido devem sempre ser levados em consideração, pois nem todo gênero deve conter norma padrão, assim como nem toda ambiguidade é cometida por falha. Em outras palavras, pode ocorrer a necessidade de um texto ser ambíguo ou mesmo fora dos padrões da norma culta para que a intenção do autor seja exposta e concretizada.

Revisão, em termos gerais, é reescrever o texto, corrigindo-o e adequando-o ao propósito do autor, tendo em vista o funcionamento da língua na teoria e na prática, para que ocorra interação no discurso. Além disso, na revisão, deve-se também considerar tudo que influencia no objetivo do texto (família de letras, formatação, cores, imagens etc.). Os elementos linguísticos são importantíssimos, mas as imagens são mais impactantes e isso transmite ao revisor de textos mais responsabilidade do que de um simples conferencista que apenas coteja provas com originais.

Segundo Coelho Neto (2008, p.111), o “revisor deve estar sempre atento à ambiguidade promovida pela colocação dos termos na oração. Apor uma vírgula, mudar um termo ou locução de lugar, pode trazer melhor entendimento ao texto.”

Virgular bem, por exemplo, é necessário para alcançar o sentido desejado e para facilitar a leitura do texto, pois um mesmo escrito pode ser pontuado de diversas maneiras e, assim, transmitir diversos sentidos. Nesse momento, cabe ao revisor analisar a real intenção do autor e definir qual pontuação deverá ou não ser utilizada para que o objetivo do autor seja alcançado. É nesse escopo que se insere esta monografia: dar subsídios ao revisor para melhor realizar sua tarefa.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho, abordamos o uso da vírgula e as mudanças no sentido da frase mediante a colocação ou não desse sinal de pontuação. Apresentamos, inclusive, um quadro-síntese do emprego da vírgula, feito a partir de fontes gramaticais e linguísticas de conceituados autores.

Foi também analisado o emprego da vírgula em quatro textos, comprovando a sua influência no sentido dos textos e a importância que o revisor deve dar ao emprego da vírgula, evitando prejuízos à intenção do autor.

Diante de tudo que foi exposto, conclui-se que a vírgula: é gramatical, indica mudança na entonação da voz, esclarece o sentido da frase, elimina ambiguidades, pode ser utilizada para dar ênfase; e ainda, que não há uniformidade entre os escritores quanto as regras para o emprego da vírgula.

Entretanto, mesmo sem haver uniformidade das regras, algumas de uso geral são identificadas, sobretudo no que diz respeito ao aspecto sintático, isolando elementos de mesmo valor no enunciado (ou de valor diverso, funcionando como uma espécie de “separador” de unidades sintáticas), ou indicando ruptura da ordem direta da oração.

Como resposta às perguntas de pesquisa, feitas na introdução deste trabalho, pode-se afirmar que:

1. É necessário conhecimento de gramática, para que a vírgula seja utilizada com segurança e auxilie na transmissão do sentido linguístico pretendido.

2. Um mesmo texto pode ser pontuado de diversas maneiras e assim veicular diversos sentidos, haja vista a influência da vírgula para inibir ambiguidades e até mesmo diferenciar orações subordinadas adjetivas explicativas das restritivas.

3. No que diz respeito aos cuidados do revisor quanto à virgulação do texto, é imprescindível conhecer, a princípio, a real intenção do autor, para que, com o auxílio da vírgula empregada corretamente, conforme regras gramaticais lógico-sintáticas, sejam eliminadas as possíveis ambiguidades indesejadas e seja conservado o propósito do autor.

Portanto, uma vírgula mal colocada, trocada de lugar ou esquecida pode prejudicar a clareza ou mesmo mudar o sentido da produção textual. Por isso, o revisor deverá atentar não apenas para o uso correto da vírgula, mas também para o sentido que o autor quer dar ao texto, pois, mesmo que uma vírgula mude de lugar na frase sem prejuízo da norma padrão, ela ainda poderá prejudicar ou alterar o sentido da sentença.

Assim, este trabalho procurou oferecer a contribuição de compilar regras gramaticais quanto ao uso da vírgula, mediante consultas a fontes diversas apontadas no meio acadêmico como as mais confiáveis, quanto à norma padrão. Isso deve constituir subsídio para a tarefa de revisão textual, objetivo mais amplo do estudo.

No âmbito pessoal, esta monografia contribuiu para aumentar conhecimentos de sintaxe e de emprego da vírgula, colaborou para ratificar a importância da pontuação no sentido do texto e o cuidado que revisores de texto devem ter ao fazer uso dos sinais da modalidade escrita da língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

Aposto e Vocativo. Disponível em:

<<http://desmontandotexto.blogspot.com.br/2009/06/aposto-e-vocativo.html>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

BRASIL. *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Portaria n. 36 de 28 de janeiro de 1959.

CAMARGO, Thaís Nicoleti De. *O uso da vírgula*. Barueri: Manoele, 2005.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

COELHO NETO, Aristides. *Além da revisão: critérios para revisão textual*. 2. ed. Brasília: Senac-DF, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

*Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa – Versão monousuário 3.0 – Junho de 2009. Copyright 2001-2009. Instituto Antônio Houaiss. Editora: Objetiva Ltda.*

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. *Prática de texto*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KURY, Adriano da Gama. *Ortografia, pontuação, crase*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula: considerações sobre o seu ensino e o seu emprego*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

MALTA, Luiz Roberto. *Manual do Revisor*. São Paulo: Madras Editora, 2000.

MEDEIROS, João Bosco. *Manual de Redação e normalização textual: técnicas de editoração e revisão*. São Paulo: Atlas, 2002.

MENDES, Josué de Sousa. *Gramática ao alcance de todos*. Brasília: EME Editora, 2011.

MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009, p. 53.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa F. *Revisão de texto: da prática à teoria*. Natal: EDUFRN, 2010.

PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. *Só vírgula: método fácil em vinte lições*. 3. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

PINTO, Ildete Oliveira. *O livro: manual de preparação e revisão*. São Paulo: Ática, 1993.

Só duas. Disponível em: <<http://blogdivertudo.blogspot.com.br/2010/05/so-duas.html>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

TRASK, R L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

Uso da vírgula. Disponível em:

<<http://www.bocaiuvaonline.com.br/pag/postdicas.php?iddicas=3&idpost=4>>. Acesso em: 15 jul. 2013.